

Passeio ao circo - lembranças de professor

Jorge Luiz de Souza¹



As fotos que acompanham este artigo se complementam, datam de 1997 e marcam o meu último ano à frente da turma de alfabetização da Escola Comunitária Aconchego das Crianças, que posteriormente seria incorporada à Creche Comunitária Municipal Winnie Mandella, localizada no Morro do Andaraí. Iniciamos este trabalho em 1981, paralelo ao movimento de fundação da Associação de Moradores local. A escolinha, como era chamada, funcionava na quadra da E. S. Flor da Mina do Andaraí.

A escola havia sido inaugurada em 1985 no primeiro pavimento e a creche, em 1988, no segundo. Marcavam o sucesso da luta por creches iniciada no início dos anos 80 e a emancipação das mulheres, chefes de famílias, que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar seus filhos.

¹ Aluno do Curso de Pedagogia da UERJ, noturno; docente em curso para meninos e meninas, realizado em bairro da zona norte do Rio de Janeiro.

Lideravam este processo as comunidades do Morros do Andaraí, Borel, São Carlos e a Favela da Rocinha. Nestas comunidades, oficializou-se o Programa de Escolas e Creches Comunitárias da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Lembro-me bem que certa vez, ao questionarmos a Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, a demora na conclusão das obras, pois abriram os buracos e as paralisaram, a então secretária sugeriu que jogássemos as crianças nos buracos. As unidades foram construídas num antigo campo de futebol e onde, também, adeptos de religiões espíritas acendiam velas para os “santos” em seus dias e nas cerimônias apropriadas.

O atendimento era somente para moradores da comunidade. No início do ano letivo, a equipe, em reunião de planejamento, discutia a questão das atividades externas e como proporcionar às crianças acesso a variadas formas de expressão cultural bem como inseri-las em um contexto onde a violência a que estavam expostas em seu cotidiano fosse, pelo menos, minimizada.

Traçar uma estratégia para uma intervenção pedagógica era uma necessidade e a violência, uma realidade que já fazia parte do universo infantil. Certa vez o menino da foto, de cinco anos e meio, pegou um pedaço de tijolo e com este “moldou” um revolver. Questionado, relatou que tinha feito um “três oitão” para matar a polícia. Era “comum” que após noites de tiroteio, os alunos, ao chegarem na escola, “confeccionassem” armas de fogo nos desenhos, nas brincadeiras de “recreio”, na hora do lanche com os biscoitos, nas atividades livres ou dirigidas. Certa vez, um aluno ao ser repreendido, retrucou que mandaria o pai matar a professora. A violência policial foi uma das causas que contribuiu em minha decisão de sair da sala de aula visto que até atividades externas na própria comunidade era de difícil execução, pois a qualquer momento as crianças poderiam estar em situação de risco.

Em outubro daquele ano, resolvemos levá-los para assistir ao espetáculo do Circo Garcia, montado na Praça 11, no centro da cidade.

A Praça 11 é conhecida como o “Berço do Samba”. Lá se reuniam artistas populares como Donga, Carlos Cachça, Natal, Mano Décio da Viola, João Nogueira, Paulinho da Viola, Cartola, Tia Ciata, Tia Eulália, Dona Zica, Dona Neuma, entre outros. Foi lá que foi fundada a primeira escola de samba, a Deixa Falar que se tornou o G.R.E.S. Unidos de São Carlos e hoje é o G.R.E.S. Estácio de Sá.

O samba, tal como o funk nos dias atuais, era perseguido, marginalizado e considerado reduto de desocupados e marginais. As classes abastadas, da época, não viam com bons olhos tal manifestação cultural.

O desfile das Escolas de Samba foi transferido da Avenida Presidente Antonio Carlos, no Castelo, para a Praça 11 por conta deste marco histórico e de resistência cultural.

Antes de concretizarmos o evento proposto, realizamos várias atividades com viés para as questões culturais, sociais e históricas sobre o local onde, então, estava montado o circo. Assim, aproveitamos o passeio para orientar o planejamento bimestral das aulas, as atividades e o dia-a-dia da sala de aula.

Na ida ao circo, em conversas anteriores, combinamos com as crianças que teríamos um ótimo comportamento, deixando de lado, momentaneamente, nossa dura realidade estigmatizada, de “proletários”, “favelados” ou “carentes”. A questão disciplinar, então, teria que ser seguida a risca, visando inclusive a segurança da coletividade.

Eis que esta criança inicia um imenso tumulto porque queria entrar antes das outras no circo e a nossa turma, por ser de alunos maiores, só entraria depois que os menores já estivessem acomodados. O aluno chorou, brigou, xingou e sentenciou: “Vou embora!”. Foi uma dificuldade conter este menino em plena Avenida Presidente Vargas, sem dispersar as outras crianças.

Tive oportunidade de por fim àquela situação quando ele falou para a profissional de apoio que estava brigando porque o “tio não está ligando pra mim”. Este aluno fora rejeitado pelos genitores e criado pela avó paterna. Disse-lhe, então, que o levaria ao ônibus que nos trouxera e o

motorista o levaria de volta para casa, como ele queria. No trajeto “consequimos fazer as pazes” e ele voltou atrás em sua idéia de voltar para casa, me perguntando se poderia ficar lá na frente, perto mim. Respondi que não tinha problema nenhum embora formássemos uma fila crescente por tamanho/altura – e ele era um dos últimos – como tradicionalmente ocorre.

Após o “incidente”, voltamos à normalidade e todos se divertiram bastante. No final do ano letivo, houve a tradicional “formatura” e, no ano seguinte, fui trabalhar na Creche Municipal Luzes do Amanhã, localizada na Cidade de Deus, na condição de diretor.

Hoje este aluno é um adolescente que acaba de completar 19 anos, é soldado do Exército e está concluindo o ensino médio.